

Que latino-americanidade para o Quebec e o Brasil?¹

Bernard Andrès

Nous sommes les Latins du Nord.

Bernard Landry

(Discurso de recepção aos representantes da Conferência de Cúpula dos Povos das Américas, Quebec, 16 de abril de 2001)

A noção de latino-americanidade deve ser empregada com muita sutileza, na medida em que se refere, ao mesmo tempo, a uma dimensão territorial e a uma (ou umas) realidade-s cultural-ais (língua, religião, costumes etc). Seja ela utilizada para delimitar uma região geográfica, práticas lingüísticas ou comportamentos coletivos, não costumamos sempre nos dar ao trabalho de especificarmos de que estamos falando, nem, principalmente, de onde falamos e a que título nos permitimos falar. O mesmo se dá quando se trata da autoridade do enunciador e das condições da enunciação. Um exemplo: como especialista da literatura, estaria eu habilitado a falar de latino-americanidade? Outra questão prévia: como quebequense ou canadense de língua francesa, posso eu me considerar latino-americano? Alguns me negarão esse direito, reivindicando apenas para os americanos do centro e do sul a marca de latino-americano. E o que dizer dos caribenhos de língua espanhola? É que um outro conceito compete com o de latino-americanidade, quando se trata do Quebec: a “nordicidade”. Victor Armony lembra que “68% dos quebequenses se sentem mais norte-americanos”, mas que, nas sondagens, não ocorreu a ninguém a idéia de incluir a América Latina na lista de possíveis marcas identitárias². Os resultados são, portanto, deformados, já que a americanidade só se define, então, em relação aos USA, ao Canadá inglês e à Europa. Seria interessante rever essas sondagens, levando-se em conta novas percepções do sul que se tornaram conhecidas dos quebequenses após a Conferência de Cúpula das Américas, os movimentos anti-globalização, os encontros de Porto Alegre, assim como os debates sobre a ALCA. Poderíamos, assim, saber se o latino do norte é realmente uma aberração e se seria melhor, mesmo, deixá-lo gelando no seu país de inverno. Por outro lado, todos

concordam em reconhecer nos jovens latinos do sul um fascínio pelas regiões mais ao norte do México: Victor Armony evoca, a esse respeito, a “nortemania”, que ameaçaria o Sul de uma forma de “deslatinização”.

Um último argumento, de natureza econômica, lutaria contra a admissão do Quebec no clube dos latinos: ele faria parte de um outro clube, o do “primeiro mundo”³. E, apesar do seu ardente desejo de se relacionar com o Sul a golpes de “*Décennies des Amériques*”⁴, desconfiar-se-ia desse capitalista do Norte piscando o olho para os mercados tropicais! Latino, o Quebec? Quanto ao Brasil, latino-americano de ofício, ele também se distingue de seus vizinhos enquanto “gigante” do continente do sul (quase a metade da América do Sul em superfície, 170 milhões de habitantes, dos quais 70 milhões dividem o nível de vida do “primeiro mundo”, país em pleno desenvolvimento, apesar das desigualdades socioeconômicas bem conhecidas, desenvolvimento científico e industrial admirável, tecnologia compatível com a quebequense, porcentagem de crianças não escolarizadas tendo baixado, em dez anos, de 20% a 3%, progressos impressionantes dos programas de saúde, experiências de co-administração municipal, liderança na anti-globalização e, principalmente, em relação ao resto da América Latina, transição bem sucedida dos militares para a sociedade civil). Nesse sentido, verdadeiramente latino-americano, esse Brasil?

Como vemos, o termo latino-americanidade funciona como uma armadilha. É uma caixa de Pandora, da qual não ousamos retirar a tampa, com medo de semear a confusão entre os especialistas: geógrafos, lingüistas, antropólogos, economistas, sociólogos e literatos. O termo não deixa, também, de incomodar no plano ético, na medida em que exclui as culturas ameríndias e afro-americanas que, entretanto, do norte ao sul, participam legitimamente da americanidade. Evidentemente, a América Latina, assim como a América inglesa, foram construídas “às custas” dos ameríndios e dos negros. “Às custas”, tanto no sentido próprio, quanto no sentido do delito: referência obrigatória à escravidão e ao etnocídio praticado por alguns colonizadores. Mas também “às custas”, no sentido simbólico: foi graças à figura do negro ou do índio que imaginários coletivos se construíram, identidades foram elaboradas. Deve-se simplesmente reconhecer isso e integrá-lo na análise. É nessa condição que podemos, creio eu, apoderar-nos da noção e interrogarmos, como “latinos”, sobre a nossa relação com a América.

Sabemos que essa iniciativa de integrar o outro e, mesmo, um terceiro, na definição de si mesmo, permite-nos apenas evitar uma concepção rígida de identidade, como bem o demonstrou Zilá Bernd e os pensadores da “relação”, da mestiçagem, da “identidade heterogênea”, da “criolização” e da “diferença consentida”⁵. Falar, não de identidade, mas de identitário latino-americano é uma maneira de dinamizar e problematizar a noção. Falar numa perspectiva histórica e comparativa é outra maneira. É o que venho tentando fazer desde alguns anos, ten-

tando compreender o que é o identitário quebequense: de onde ele vem, por onde passou, para onde vai, para que impasse ou devir/por vir.⁶ Faço-o do interior e do exterior, enquanto “neo-quebequense” de serviço e franco-espanhol de origem. Isso me permite uma certa distância crítica e me impede qualquer veleidade teleológica: nenhuma finalidade subentende, para mim, esse pensamento do por-vir. O identitário pode ser uma tensão entre dois ou vários pólos, tensão que pode ser apreendida como um impasse, mas também como uma garantia de dinamismo⁷. Para melhor avaliar essa tensão identitária, o melhor é compará-la com a que compartilham, ou não, outras coletividades da América. Reivindico, portanto, com Gérard Bouchard, a comparação “como procedimento de objetivização na construção do saber histórico”⁸. E, para colocar o Quebec em perspectiva continental, interesse-me mais especialmente por um país que freqüento desde alguns anos também: o Brasil. Um país que redescubro constantemente, que me permite compreender o Quebec e que o Quebec me permite compreender e redescobrir. Resta saber se o paralelo entre essas duas coletividades da América se justifica plenamente, ou se é mero fruto da fantasia, do desejo? Que o julguem a partir dos meus argumentos, que incidirão sobre a história (política e econômica), sobre a história literária e sobre certas sondagens sociológicas.

Argumentos culturais e sociológicos para o período contemporâneo

No seu estudo sobre “Os latinos do Norte”, Victor Armony decidiu colocar o Quebec no paradigma “hemisférico” das relações interamericanas⁹. Partindo do interesse manifestado pelo governo quebequense pelos intercâmbios com essa “outra América”, chamada por Alain Rouquié de “Extremo-Occidente”, Armony questiona a posição do Quebec, colocado entre a América do Norte e a do Sul. No âmbito dos valores coletivos, o Quebec, cruzamento de culturas convergentes, adere totalmente a essa “criolidade” latina, composta de um conjunto de afinidades culturais e estruturas mentais mais ou menos estereotipadas, que vão desde qualidades morais aos gostos culinários, aos lazeres, ao consumo e a certas visões do mundo. Lendo Armony, percebemos que o *homo latinus* é um composto altamente instável, com suas qualidades (jovialidade, hedonismo, coragem, calor humano, transgressividade etc.), assim como todos esses defeitos que se lhe atribuem, de Octavio Paz a Ricardo Latchman (desordem, atitude do tipo “não estou nem aí”, demagogia, autoritarismo, mitomania, ostentação, arcaísmo moral, fatalismo, espírito de clã, machismo, intolerância etc). Onde se situaria o Quebec contemporâneo nesse paradigma cultural? Para responder a isso, convém levar em conta sua vizinhança imediata no hemisfério norte.

No plano político e demográfico, o Quebec é ao mesmo tempo minoritário, em relação ao Canadá e à América anglo-saxônica, e majoritário nas suas próprias

fronteiras. No capítulo lingüístico, no seu isolamento em relação aos anglo-saxões, o Quebec aproxima-se do Brasil, também isolado dos falantes de língua espanhola. Mas a diferença, imensa, deve-se ao fato de que o Brasil não vive esse isolamento de uma maneira dramática¹⁰. E com razão: sua sobrevivência lingüística e cultural não está ameaçada, nem por seus vizinhos, nem em relação à antiga metrópole. Com mais de um terço da população latino-americana¹¹, o Brasil é bem forte, com os seus 170 milhões de falantes do português (enquanto só há dez milhões em Portugal), sem contar a indústria cultural brasileira que se impõe até nos lares portugueses.

Outro nível de comparação: a história recente das duas coletividades. Após a “ditadura duplessista”, e depois, durante a Revolução Tranqüila, a ideologia da descolonização levou o intelectual quebequense a se identificar com os povos dominados da América Latina e do resto do mundo. A fórmula “Negros brancos da América” teve o seu momento de glória. Em seguida, o discurso afirmacionista, que o Quebec detém nos últimos vinte anos, aproxima-o, a meu ver, do novo perfil que o Brasil apresenta durante o mesmo período, ou seja, desde o retorno à democracia: nova constituição, melhor administração econômica, progresso da sociedade civil, etc.¹² No plano axiológico, enfim, o Brasil e o Quebec se aproximam ou se afastam, dependendo de valores tais como a relação com a ordem, a equidade, o conformismo, a tolerância, o individualismo, etc. Victor Armony traçou uma grade de interpretação detalhada dessas categorias axiológicas, sobre as quais se fundamenta a cultura pública de uma determinada coletividade. Partindo de estatísticas precisas, ele comparou quatro sociedades latino-americanas do sul, com três sociedades do norte¹³.

A conclusão a que se chega é que o Quebec é a sociedade menos preocupada com a obediência das crianças (o Brasil, sob esse aspecto, está classificado em posição média). Quanto à equidade em matéria de emprego, o Quebec situa-se, no grupo latino-americano, não longe do Brasil. No capítulo do conformismo ou transgressão, os quebequenses pagam os seus bilhetes de metrô, mas entram no espírito latino-americano ao justificarem a evasão fiscal, muito mais do que o que fazem os canadenses de língua inglesa. A confiança nos sindicatos é tão grande no Quebec quanto nos latinos (Brasil: 47,2% / Quebec: 42,4%). Em compensação, a tolerância com a diferença é mais alta no Quebec (81%) do que no Brasil (67%). Da mesma forma, os quebequenses estão divididos em relação à questão do emprego, enquanto que os brasileiros se destacam claramente do conjunto: apenas 22% dos brasileiros acreditam que o sucesso é recompensa do trabalho! Não podendo entrar, aqui, nos detalhes da análise realizada por Armony, remeto o leitor à sua pesquisa. Guardemos principalmente suas conclusões sobre o fato de que os quebequenses são menos materialistas do que os norte-americanos, menos igualitaristas, legalistas e moralistas do que os anglo-saxões: eles aparecem, de fato, como “latinos da América do Norte”. São esses os dados contemporâneos. Mas essa latino-americanidade

relativa dos quebequenses não data de hoje. Ela pode ser observada, a meu ver, desde longa data.

Argumentos históricos

Passemos, portanto, aos argumentos históricos. O que nos revela a história colonial comparada do Quebec e do Brasil? Que memória podemos construir a partir do acaso das descobertas e das fundações, do século XV ao XIX? Para começar, deixemos claro que, para esse período e até a Cessão da Nouvelle-France, referir-me-ei ao Canadá para designar o que se tornará o Quebec, depois o Baixo-Canadá. O que me impressiona, como historiador da literatura, quando observo o desenvolvimento paralelo do Canadá e do Brasil, é que a realidade das descobertas e fundações é inseparável do imaginário que as nutriu, inseparável das utopias e representações que as acompanharam e freqüentemente precederam. É por isso que a latino-América (para usar o termo de Jean Morisset) só existe, no meu entender, no entre-lugar do real e da representação. Realidade das viagens e explorações (fatos e datas atestam isso), assim como realidade das representações (sonhos e construções imaginárias estão igualmente presentes nos escritos do Novo Mundo)¹⁴. O real da representação e a representação do real misturam-se inextricavelmente na “descoberta da América pelos latino-americanos”¹⁵ (estou parafraseando aqui Maximilien Laroche e uso a ortografia “americanos” de Morisset, para distinguir o estadunidense dos outros habitantes da América)¹⁶.

Portanto, os americanos. Houve, simultaneamente, descoberta e invenção da América por esses viajantes enviados pela velha Europa, que, em línguas ainda mal elaboradas, ainda mal liberadas do latim, deram nome ao novo continente. Franceses, italianos, espanhóis, portugueses buscaram, com suas palavras, designar essa coisa (que, antes deles, é verdade, os autóctones já haviam nomeado, já se haviam apoderado dela). Não esqueço, portanto, os ameríndios, primeiros americanos do continente: não lhes devemos nós a etimologia “canadense”? Não teriam eles representado um papel crucial no martirólogo quebequense, assim como na sua historiografia e literatura? Não teriam tornado possível, também, às primeiras ficções canadenses, uma coleção de heróis ou anti-heróis, bons e maus “selvagens”, do mesmo modo que, no Brasil, a corrente indianista permitiu à literatura nascente se fixar no continente? Não esqueço, também, os ingleses, eles próprios engajados na mesma busca territorial e simbólica: voltarei a isso regularmente, na medida em que eles intervêm implacavelmente no destino do Quebec e do Brasil. Sob um certo ponto de vista, eles não interviriam, aliás, na definição da latino-americanidade, distinguindo-se pela língua e a religião? Não esqueço, enfim, a França e Portugal, que agem como “*tertium comparationis*” na comparação do Quebec com o Brasil. Voltemos, portanto, à colonização: ou melhor, às colonizações dessas duas porções de América.

A respeito da colonização portuguesa, tomei a liberdade, há um tempo atrás, de fazer um pequeno exercício de ficção política¹⁷. Se pensarmos bem nisso, o próprio Quebec não terá escapado por pouco da hegemonia portuguesa? Isso se passou no final do século XV, três anos antes de Cabral descobrir o Brasil. O próprio nome de Brasil designava, então, entre os exploradores ingleses... o vale do Saint-Laurent!¹⁸ Antes mesmo de Pedro Álvares Cabral colocar o pé no Brasil, chamando-o de Terra de Santa Cruz (1500), expedições portuguesas singravam o Atlântico Ocidental, paralelamente às viagens dos ingleses Croft e Jay, vindos de Bristol. Estes últimos buscavam a “Ilha de Brasylle, a oeste da Irlanda”¹⁹. Essa “ilha do Brasil”, encontrada em 1481 pelos ingleses – antes da viagem do genovês Jean Cabot – nada mais era do que a Terre-Neuve. É verdade que uma certa confusão marca, então, o processo de denominação nas descobertas. O que se busca, no caminho das Índias, é “o país do Grande Khan”, ou “A Ilha das Sete Cidades”. O que se encontra, é um país que “produzia pau Brasil e seda, e cujo mar era infestado de bacalhau” (daí a denominação de Cabot para Terre-Neuve: “Terra do bacalhau”).²⁰ Mas voltemos ao “pau Brasil” ou “pau de brasa”²¹, designando a cor vermelho-laranja dessa árvore, da qual se extraía um corante empregado como tintura (de onde saiu o verbo *brésiller*, atestado em 1545 e que queria também dizer “reduzir a pequenos pedaços, pulverizar”). Essa madeira era encontrada tanto na Terre-Neuve quanto no Brasil, onde os marinheiros normandos se proviam bem dela, muito antes da expedição de Villegagnon²². Segundo John Day, negociante inglês da época, Cabot nada mais havia feito senão “redescobrir” esse famoso “Brasil” dos homens de Bristol, igualmente identificado como uma região que ia da Margem Norte do Saint-Laurent até a Nouvelle-Ecosse e a Terre-Neuve. Quanto à possibilidade real para o Quebec de ter sido colonizado por Portugal, ela reside na tentativa de Cabot de propor seus serviços primeiro a Lisboa, depois a Sevilha, antes de os oferecer a Londres (que aceitou)²³... Acaso administrativo, acaso geográfico e acaso semântico da denominação.

Deixando de lado a ficção política, a verdade é que as potências europeias singraram os mares do norte ao sul das Américas, arrastando, nas suas danças, o Brasil e o Canadá. É sob o pavilhão francês que, em 1524, Giovanni da Verrazano contribui para a exploração do Canadá, em direção à Terre-Neuve, antes de morrer no Brasil em 1528. Dez anos mais tarde, em 1534, é, evidentemente, Jacques Cartier, que toma posse do Canadá em nome da França, não sem antes ter viajado até o Brasil, segundo uma lenda tenaz (ainda defendida por Gustave Lanctôt em 1947²⁴). Cartier teria, com efeito, acompanhado Verrazano ao Brasil em 1524 e em 1528 (data na qual sua mulher torna-se madrinha de uma índia que recebe o nome de “Catherine du Brésil”). Em Saint-Malo, Cartier servia também de intérprete franco-português e as narrativas de viagens que lhe são atribuídas estão repletas de comparações entre o Canadá e o Brasil. Cartier, enfim, informou de fato o franciscano André Thévet sobre as suas viagens às Américas, antes que esse último participasse

da expedição de Nicolas Durand de Villegagnon ao Brasil, aliás, à “França Antártica” (1557-1567).

Após essa breve aventura na baía de Guanabara, a França volta a atacar mais intensamente na ilha do Maranhão, com Daniel de La Touche, entre 1594 e 1615: foi então (novo nome para o Brasil): a França Equinocial. Depois, no século seguinte, são ainda as tentativas de Jean-Charles Duclerc em Guaratiba, em 1710 e do almirante René Duguay-Trouin, no Rio, em 1711. Nesse meio tempo, a França Setentrional (aliás, Nouvelle-France, ou Canadá) continua a crescer: ocupando quase a metade do continente norte-americano, ela vai, naquele momento, da baía de Hudson até a Luisiânia e o Golfo do México. Aliás, esse mesmo Golfo é explorado nessa época pelo canadense Pierre Lemoyne d’Iberville, primeiro governador da Luisiânia, cujas explorações de corsário terminam em Cuba em 1706. Mais para o sul, na metade do continente sul-americano, a vice-realeza portuguesa do Brasil continua também a se estender das regiões costeiras ao interior das terras. A capital passa da Bahia, em 1720, para o Rio, em 1763, ano do Tratado de Paris, que passa o Canadá, da França, para a Inglaterra. É o início da “Province of Quebec”. Pode-se dizer que o Quebec, assim como o Brasil, encontram-se, de uma maneira ou de outra, sob o domínio inglês. Domínio principalmente político, para o Quebec, e principalmente econômico, para o Brasil, cuja metrópole portuguesa era, há mais de um século, submissa à economia britânica²⁵.

Como ignorar essa dimensão político-econômica, quando nos interrogamos sobre o destino latino-americano de nossos dois países? Sabemos que, no plano econômico, o Brasil colonial, assim como a Nouvelle-France, não tiveram desenvolvimento importante. As veleidades de Jean Talon não levaram a nenhuma forma séria de auto-suficiência. O mesmo se dá com o Brasil, com a produção artesanal de açúcar branco ou, em meados do século XVIII, com a indústria têxtil de Minas Gerais, que Lisboa proibirá formalmente em 1785. Para a metrópole, a colônia deve permanecer uma colônia. Isso é ainda mais sensível no Brasil: “Como Portugal já era uma colônia da Inglaterra, o Brasil, até 1808, foi a colônia de uma colônia”, lembra Frédéric Mauro, acrescentando que, após essa data, o domínio de Londres se faz ainda mais diretamente²⁶. É, evidentemente, o efeito perverso da mudança da corte de Lisboa para o Rio.

Fugindo das conseqüências da Revolução Francesa e das manobras de Napoleão, Portugal lançou o Brasil no coração do império lusitano: mal comparando, seria um pouco como se a França tivesse conservado o Canadá em 1763 e Versailles se instalasse no Quebec em 1789, para escapar da Revolução! Luís XVI teria acabado por declarar a independência da Nouvelle-France, voltando a Versailles durante a Restauração? Pouco provável, mas não vamos cair, de novo, na ficção política. Indaguemos, antes, sobre o que a proclamação de independência do Brasil por Dom Pedro em 1822 muda em relação à metrópole e ao sistema monárquico. Não muita coisa, na verdade. É, evidentemente, a independência, mas é ainda assim a monar-

quia, embora temperada pela constituição. E as Cortes portuguesas não reconhecem as reformas realizadas pela vice-realeza. Transformado em Dom Pedro I, o novo monarca desconfia dos movimentos revolucionários que estão sendo implantados nas colônias espanholas vizinhas, precipitando-as, sucessivamente, na independência. Pedro I exerce, naquele momento, um poder quase ditatorial diante da assembléia constituinte e lança o Brasil numa guerra contra a Argentina com o pretexto da Província Cisplatina (futuro Uruguai²⁷), província que ele havia anexado e cuja independência reconhecerá em 1825. É inútil dizer que, durante todo esse período, são os britânicos, então muito presentes no Rio da Prata, que manipulam a política externa brasileira e argentina²⁸.

Isto tudo para dizer que, embora em situações opostas (estou exagerando), o Brasil e o Canadá compartilham, naquele momento, experiências coloniais marcadas por uma relação muito problemática com a Inglaterra. Aliás, se, ao contrário do Quebec, o Brasil conseguiu, então, a independência política em relação à antiga metrópole, fê-lo de maneira atípica, se comparado com as outras nações do hemisfério sul: conservando, durante algum tempo, os laços com o sistema monárquico e o império português (a república data apenas de 1889). Tanto no Brasil quanto no Quebec, portanto, apesar de certas veleidades de ruptura no final do século XVIII, a utopia republicana demorou a se realizar nos dois países (ela ainda não foi realizada no Quebec). Assim, o Quebec e o Brasil mantêm, até o final do século XIX, um laço mais ou menos simbólico com o antigo regime (laço do qual a América espanhola se libertou mais depressa).

Resta saber se essa emancipação política nas Américas hispânica e lusófona – 1º refletiu-se, de alguma maneira, no plano econômico, 2º se ela correspondeu, no plano social, a uma real democratização²⁹, mas também, 3º no plano cultural, a uma autêntica independência em relação à Europa. Pensando apenas no Brasil, sabemos que, no plano econômico, a abertura dos portos brasileiros ao comércio exterior, a partir do bloqueio continental imposto por Napoleão, trouxe proveito principalmente à Inglaterra³⁰. Quanto à independência política de 1822, ela só fez acentuar a dependência econômica do Brasil diante de Londres, que durou até a Primeira Guerra Mundial³¹. Falta abordar o domínio cultural, com o qual concluirei o meu trabalho.

Argumentos culturais

No capítulo consagrado à cultura, indaguemos, para terminar, o que o Brasil e o Quebec compartilham nas suas relações com as antigas metrópoles. Tanto no final do século XVIII quanto no século seguinte, a Europa das Luzes conservou por muito tempo o seu império sobre as elites das nossas duas coletividades. Tendo conseguido a independência política para seus respectivos países ou não, os intelectuais canadenses e brasileiros sempre mantiveram um comércio literário com a França de Voltaire e dos “filósofos”, por exemplo³². Aliás, o mesmo fenômeno ob-

servou-se nos outros países da América Latina. Os trabalhos de Yvan Lamonde mostraram também o interesse que os patriotas canadenses tinham pelas revoluções latino-americanas, de 1815 a 1837: abundância de referências jornalísticas na Argentina, Chile, Peru, biografias e discursos de Bolívar, etc. No *Spectateur canadien*, o Brasil dá ensejo a observações sobre a monarquia constitucional e a república, assuntos de grande atualidade para o Baixo Canadá daquele momento³³.

Essa evolução das relações com as antigas metrópoles efetuou-se segundo permutações bastante semelhantes ao jogo da cadeira. Gérard Bouchard faz uma análise disso na sua *Genèse des nations et cultures du Nouveau monde*. Fala do México, “que abandonou suas referências espanholas em favor da França, da Inglaterra e da Alemanha, antes de se dobrar à sua americanidade”³⁴. Quanto ao Brasil, observa ainda Bouchard, “num primeiro tempo, ele substituiu Portugal pela França, ao ponto de alienar-se novamente (...), antes de se engajar num brasilianismo ao longo do século XIX”. Bouchard vê uma analogia com o Quebec “na substituição (imposta) de Paris por Londres, após 1760, e nos dois movimentos de ruptura que se seguiram quase imediatamente” (*ibid*). Ele faz alusão aqui, imagino, às lutas constitucionais dos anos 1790 a 1830. Em outros termos, a França (republicana) ainda obcecava o espírito dos Patriotas canadenses nessa época, assim como a França iluminista havia inspirado os primeiros “intelectuais” da geração da conquista do Canadá. Ela alimentara também o pensamento dos revolucionários brasileiros do final do século XVIII. Aliás, abordei essas questões sobre o paralelo que se pode traçar entre a “geração da Conquista”, no Quebec, e a da “Inconfidência Mineira”, esse complô destinado, em 1789, a libertar o Brasil do jugo português (com, principalmente, Tomás Antônio Gonzaga e Domingo Caldas Barbosa, no tempo da conspiração de Tiradentes)³⁵. Mais tarde, o sentimento nacional e a conscientização de um identitário continental dará, tanto ao Brasil quanto ao Quebec, vias similares, principalmente através da imprensa³⁶.

* * *

Como vemos, embora as relações entre o Quebec e o Brasil só datem do século XX (antes disso, só se ouviu falar de um escritor do Baixo Canadá que teria viajado ao Brasil: Joseph Quesnel), embora os trabalhos comparativos entre os dois campos culturais só tenham realmente começado nos anos 1980³⁷, o Brasil e o Quebec compartilham experiências históricas que remontam ao período colonial. Restalhes revisitar essa memória comum e, tanto para os intelectuais, quanto para os artistas e universitários, construir uma história comum. Mudanças maiores de mentalidade deverão operar-se em certos meios quebequenses, que ainda vivem fechados na sua identidade e desconfiados de toda mestiçagem cultural. Há alguns meses, acontecia na UQAM um colóquio sobre a americanidade³⁸. Distinguindo-se esta última da americanização, interrogávamo-nos sobre o papel do componente

americano no identitário quebequense. Embora a reflexão se referisse principalmente aos trabalhos de Yvan Lamonde e Gérard Bouchard, abertos a uma abordagem inter-continental³⁹, o essencial dos debates girou em torno, de maneira bastante sintomática, da americanidade do norte. Insisti na importância de aumentar o paradigma americano no conjunto continental, não para nele diluir a especificidade quebequense, mas para nutri-la de experiências análogas vividas pelas coletividades do sul, principalmente do Brasil. Grandes resistências exprimiram-se, então, a respeito das influências exógenas que ameaçavam a “quebecidade”⁴⁰, já muito ameaçadas, diziam, pela vizinhança próxima, anglo-saxã. Parece que, assim como Joseph-Yvon Thériault, a parte mais radical dos “autonomistas” quebequenses resiste ainda violentamente à integração continental no domínio cultural. Seja qual for a importância relativa desse movimento no seio do Partido Quebequense, é importante que se questione a percepção geral que possuem os quebequenses da América não saxônica. Na falta de sondagens e estudos apropriados, a evolução das práticas em matéria de lazeres e de intercâmbios culturais já é bem sintomática. O desinteresse crescente da Flórida pelos “*snow birds*”⁴¹ (por razões econômicas, mas também culturais) não seria compensado por uma atração pelas praias mexicanas e cubanas⁴²? Ainda menos “populares” (porque menos cobiçadas pelos turistas), as destinações sul-americanas poderiam muito bem ocupar esse lugar entre os mais jovens, assim como nos meios acadêmicos. O movimento se desenvolve com os programas de intercâmbios estudantis e a multiplicação de convênios, principalmente com o Brasil. É nisso que trabalhamos no Centro de Estudos e de Pesquisas sobre o Brasil⁴³, assim como na rede brasileira dos *Núcleos de estudos canadenses*⁴⁴. Nesse sentido, equipes de pesquisadores e de cientistas sociais aprendem a se conhecer e a trocar suas experiências, da Amazônia a Porto Alegre, do Nordeste ao Pará, passando, é lógico, pelo Quebec, onde estudantes e professores passam temporadas regularmente, assim como todos os pesquisadores brasileiros e brasilianistas reunidos em outubro de 2002, em Montreal, pela Associação Canadense de Estudos Latino-Americanos e do Caribe (ACELAC)⁴⁵. Um simpósio recente, “Brésil @ Montréal”, reuniu novamente equipes brasileiras e quebequenses que trabalham com transculturalismo⁴⁶. Gostaríamos que isso servisse para alimentar a “história comum” evocada acima, forçando um pouco as resistências à mudança. Para terminar, ignoro se essas reflexões sobre a memória comum das Américas e a latinidade do Quebec são conclusivas, mas espero que, multiplicando tais encontros entre brasileiros e quebequenses, sabermos melhor o que, do norte ao sul, nos une ou distingue, no centro ou na margem de uma certa América.

Bernard Andrès

*Professor e Coordenador do Centro de Estudos e Pesquisas sobre o Brasil
da Université du Québec à Montréal*

Notas

1. Uma primeira versão deste texto foi apresentada no congresso da Associação canadense de estudos latino-americanos e caribenhos (ACELAC), realizado em Montreal, em outubro de 2002. Traduzido do francês por Maria Elizabeth Chaves de Mello.
2. Victor Armony, “Des latins du Nord? L’identité culturelle québécoise dans le contexte panaméricain”, *Recherches sociographiques*, XLIII,1, 2002, pp.19-48.
3. Sobre a situação do Quebec entre “primeiro” e “terceiro mundo”, ver Gilles Thérien, “La littérature québécoise, une littérature du tiers-monde?”, *Voix et images*, n. 34, automne 1986, pp. 12-20.
4. Trata-se de um programa do governo quebequense destinado a privilegiar durante dez anos as Américas. Mais detalhes no site <http://www.quebecameriques.com/francais>. N.T.
5. Sobre essas noções, que encontramos principalmente em Édouard Glissant e Patrick Chamoiseau, ver Zilá Bernd, *Littérature brésilienne et identité nationale (Dispositifs d'exclusion de l'autre)*, Paris, L'Harmattan, 1995 e “Identités composites: écritures hybrides”. In: Bernard Andrès e Zilá Bernd, *L'identitaire et le littéraire dans les Amériques*, Québec: Nota Bene Éditeur, 1999, pp. 17-29.
6. Ver principalmente Bernard Andrès, – “Nouveau-Monde et américanité dans le discours historiographique au Canada-français: le cas de *A Political and Historical Account of Lower Canada*, de Pierre-Jean de Sales Laterrière (1830)”. In: Marie Couillard e Patrick Imbert (éd.), *Les discours du Nouveau Monde au XIXe siècle au Canada-français et en Amérique latine/ Los discursos de Nuevo Mundo en el siglo XIX en el Canada y en América latina*, New York-Ottawa-Toronto: Legas ed., 1995, pp. 29-42. Bernard Andrès, “D’une mère patrie à la patrie canadienne: archéologie du patriote au XVIIIe siècle”. In: *Voix et Images*, Université du Québec à Montréal, n. 78, printemps 2001, pp. 474-497 e Bernard Andrès e Zilá Bernd, *L'identitaire et le littéraire dans les Amériques*, op. cit.
7. Esta é a leitura que faz Jocelyn Létourneau em *Passer à l'avenir. Histoire, mémoire, identité dans le Québec d'aujourd'hui*, Montreal: Boréal, 2000, p. 82.
8. Gérard Bouchard, *Genèse des nations et cultures du Nouveau Monde. Essai d'histoire comparée*, Montreal: Boréal, 2000, p. 37. Ver também Yvan Lamonde et Gérard Bouchard, *La nation dans tous ses États. Le Québec en comparaison*, Montréal-Paris: L'Harmattan, 1997.
9. Victor Armony, op. cit.
10. Voltarei ao assunto desse medo-pânico da dissolução do sujeito quebequense, entre intelectuais como Joseph-Yvan Thériault.
11. O Brasil possui 170 milhões de habitantes, entre cerca de 500 milhões que vivem no hemisfério sul e no Caribe.
12. Este novo perfil do Brasil parece se esboçar com a eleição de Tancredo Neves em 1985 (o primeiro presidente civil brasileiro, eleito após vinte e um anos); ele se afirma, em seguida, com a nova Constituição de 1988, destinada a fortalecer a

democracia e culmina, evidentemente, com a recente eleição do candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva (2002).

13. Trata-se da Argentina, Brasil, Chile, México, Estados Unidos, Canadá inglês e Quebec.

14. Bernard Andrès, “Sur les utopies québécoises, des Lumières aux Révolutions continentales”. In: Bernard Andrès et Nancy Desjardins (ed.), *Utopies en Canada, 1545-1845*, Université du Québec à Montréal, Figura, textes et imaginaires; n. 3, 2001, pp. 11-34.

15. O termo em francês é “Amériquein”, que não tem equivalente em português. Optei por criar também um neologismo, “Ameriquenho”. N.T.

16. Ver Maximilien Laroche, *La découverte de l’Amérique par les Américains*, Québec, Université Laval (GRELCA), 1989 e Jean Morisset, “De la Baie de Gouanabara à la Grande rivière du Canada (...)”. In: Zilá Bernd et Michel Peterson (éd.), *Confluences littéraires. Brésil-Québec: les bases d’une comparaison*. Candiac: Éditions Balzac, 1992, pp. 203-227.

17. Bernard Andrès, “Du repli à l’ouverture: une littérature des Amériques”. In: *Écrire le Québec: de la contrainte à la contrariété. Essai sur la constitution des Lettres*, Montreal: Éditions XYZ, 1990, 2001, pp. 255-275.

18. Saint-Laurent: rio canadense que banha as cidades de Montreal e Quebec, atravessando praticamente todo o Canadá francês. N.T.

19. “Em 15 de julho de 1480, um navio (...) pesando 80 toneladas, empreendeu uma viagem de Kingroad a Bristol, até a ilha de Brasyll, a oeste da Irlanda, para, em seguida, atravessar os mares (...)”. In: *The overseas trade of Bristol in the later Middle Ages*, ed. E.M. Carus-Wilson (*Bristol Record Soc.*, vol. VII, 1937), pp. 157-163. Citado por David B. Quinn, “John Day”, *Dictionnaire biographique du Canada*, tome 1, Québec/Toronto: Presses de l’Université Laval/University of Toronto Press, 1966, p. 398.

20. Cf. R. A. Skelton, “Jean Cabot”, *ibid.*, p. 154 e Vignerac “Gaspar Corte-Real”, *ibid.*, p. 241.

21. O dicionário Robert diz, a respeito de BRASIL: “Madeira de uma árvore da família dos *césalpiniées*, contendo um corante vermelho-laranja (como uma brasa). Tingir com brasil (ou *BRÉSILLER* [...]) REM. Essa madeira deu o seu nome ao país”.

22. Frank Lestringant, “*Introduction*” aux *Singularités de la France antarctique*, d’André Thévet, Paris, Maspéro, 1983, p. 14.

23. Como testemunha disso, citamos a correspondência de 25 de julho de 1498 de Pedro de Ayala, adido na Embaixada da Espanha, em Londres, carta citada por Skelton (*op. cit.*, p. 151).

24. Gustave Lanctôt, *Jacques Cartier devant l’histoire*, Montréal: Éditions Lumen, 1947.

25. Sabe-se que, pelo Tratado de Westminster (1654), João IV garantia aos mercadores ingleses o acesso aos mercados portugueses e brasileiros. O Tratado de Methuen (1703) acentuará o processo na questão da importação de têxteis ingleses contra vinho português. Essa aliança vai durar até o século XX.

26. Frédéric Mauro, “Brésil. La conquête de l’indépendance nationale”, *Encyclopédie Universalis France*, tomo 3, p. 969.
27. Ou “Banda oriental” segundo o Brasil (no tempo da revolta dos Artigas).
28. Pensemos nas expedições britânicas contra Buenos Aires em 1806 e em 1807.
29. No plano democrático, os movimentos de libertação nacional latino-americanos, no século XIX, caíram, freqüentemente, em ditaduras e/ou regimes autoritários voltados para os interesses dos caudilhos ou de oligarquias locais: é inútil aprofundar este assunto.
30. Esta, a partir de 1810, só paga taxas de 10% sobre o valor das mercadorias, enquanto que os produtos estrangeiros que entram no Brasil pagavam 24%. O tratado de 1810 conduziu, então, a um desequilíbrio da balança comercial, à ruína da marinha mercante e à impossibilidade de criar uma indústria (Frédéric Mauro, *op. cit.*, p. 967).
31. É tão somente após a Primeira Guerra e, principalmente, a Segunda, que o Brasil cairá sob o jugo econômico dos Estados Unidos.
32. Cf. Bernard Andrès, “As luzes americanas”, in: *Coerção e subversão: o Quebec e a América latina*, Porto Alegre, Brasil: Universidade Federal do Rio Grande do Sul Editora, 1999, pp. 227-234.
33. Yvan Lamonde, *Histoire sociale des idées au Québec (1760-1896)*, Montreal: Fides, 2000, pp. 204-207.
34. Gérard Bouchard, *Genèse des nations et cultures du Nouveau monde*, *op. cit.*, p. 221.
35. Bernard Andrès, “De la génération de la Conquête à celle des Patriotes”. Introdução a *Portrait des arts, des lettres et de l’éloquence au Québec (1760-1840)*, (em colaboração com Marc André Bernier), Québec: Presses de l’Université Laval, 2002, pp.15-46.
36. Cf. Nova Doyon, “Le rôle des journaux dans l’émergence des littératures nationales au tournant du XIXème siècle: le Québec et le Brésil en comparaison”, comunicação no Congresso da ACELAC, Montreal, outubro 2002.
37. Ver no nosso arquivo “Québec-Amérique latine”, em *Voix et images*, n. 34, outono 1986, pp. 5-66. Como um primeiro apanhado desses intercâmbios, aconselho Lilian Pestre de Almeida, “L’émergence des études québécoises dans la recherche et l’enseignement au Brésil”, in: Zilá Bernd et Michel Peterson ed., *Confluences littéraires (op. cit.)*, pp. 327-335, Bernard Andrès, “Travaux canadiens ou québécois en littérature brésilienne et comparée”, *ibid.*, pp. 337-345 e Lilian Pestre de Almeida estudos pesquisados e cruzados sobre as duas literaturas, principalmente, de Wlad Godzich, Chantal Gamache, Zilá Bernd, Walter Moser, Simon Harel, Maximilien Laroche, Jean Morisset, Michel Peterson, Maria Bernadette Porto e Maria do Carmo Campos.
38. Colóquio “L’Américanité du Québec”, organizado pelo Grupo Raoul-Dandurand em estudos estratégicos e diplomáticos, 8 de fevereiro de 2002.
39. Entre os textos de referência apresentados aos participantes, figuravam principalmente Gérard Bouchard, *Genèse des nations (op.cit.)*, Donald Cuccioletta, *L’Américanité et les Amériques*, Sainte-Foy, *Institut québécois de recherche sur la culture*, 2001, Yvan Lamonde, *Allégeances et dépendances: l’histoire d’une ambivalence identitaire*, Québec:

Note bene, 2001 e Joseph Yvon Thériault, “L’américanité comme effacement du sujet québécois”, *Argument*, Vol.3, n. 1 outono-inverno de 2000, pp. 136 a 144 e *Critique de l’américanité Mémoire Démocratie au Québec*, Montréal, Québec-Amérique, 2002.

40. “québécois” no original. N.T.

41. São chamados de *snow birds* os quebequenses que passam suas férias de inverno no sul da América do Norte, principalmente na Flórida e no México. N.T.

42. Havana pensaria em atrair especialmente a clientela quebequense decepcionada pela Flórida, criando, na ilha, infra-estruturas destinadas a acolher os *snow birds* da Bela Província.

43. O Centro de Estudos e de Pesquisas sobre o Brasil (Centre d’études et de recherches sur le Brésil -CERB) foi criado em 2001 na Université du Québec à Montréal: <http://www.unites.uqam.ca/bresil/>

44. Sobre os Núcleos de Estudos Canadenses da Associação Brasileira de Estudos Canadenses (ABECAN): <http://www.abecan.com.br/>

45. Congresso da Associação Canadense de Estudos Latino-Americanos e do Caribe (ACELAC), UQAM, outubro de 2002: “L’Amérique Latine: entre représentations et réalités” (http://www.calacs.umontreal.ca/french/congres/programme_2002.htm)

46. Simpósio “Brésil @ Montréal: Penser les transferts culturels”. UQAM, de 15 de novembro a 7 de dezembro de 2002 (<http://bresilamontreal.uqam.ca/direction.htm>)

Resumo

O identitário pode ser uma tensão entre dois ou mais pólos, podendo ser visto como um impasse, mas também como uma garantia de dinamismo. Para melhor avaliar essa tensão identitária, o melhor é compará-la com a que com ela compartilham ou não outras coletividades da América. Reivindico, então, com Gérard Bouchard, a comparação “como estratégia de objetivação do saber histórico”. E, para colocar o Quebec em perspectiva continental, interesse-me particularmente por um país que freqüento há alguns anos, também: o Brasil. Um país que redescubro constantemente, que me permite compreender o Quebec e que o Quebec me permite compreender e redescobrir. Resta saber se o paralelo entre essas duas coletividades da América se justifica plenamente, ou se ele provém apenas de uma fantasia, do desejo? Que o julguem a partir dos meus argumentos, que incidirão sobre a história (política e econômica), a história literária e algumas pesquisas sociológicas.

Palavras-chave

Identitário Brasil-Quebec

Résumé

L'identitaire peut être une tension entre deux ou plusieurs pôles, tension pouvant être perçue comme une impasse, mais aussi comme une caution de dynamisme. Pour mieux jauger cette tension identitaire, le mieux est de la comparer à celle que partagent ou non d'autres collectivités d'Amérique. Je revendique donc avec Gérard Bouchard la comparaison «comme procédé d'objectivation dans la construction du savoir historique». Et pour placer le Québec en perspective continentale, je m'intéresse plus particulièrement à un pays que je fréquente depuis quelques années aussi: le Brésil. Un pays que je redécouvre constamment, qui me permet de comprendre le Québec et que le Québec me permet de comprendre et de redécouvrir. Reste à savoir si le parallèle entre ces deux collectivités d'Amérique se justifie pleinement, ou s'il relève du seul fantasme, du seul désir? Qu'on en juge à l'issue de mes arguments qui porteront sur l'histoire (politique et économique), sur l'histoire littéraire et sur certaines enquêtes sociologiques.

Mots-clés

Identitaire Brésil-Québec